

Subjetividade e defesa na obra de Michael Balint

Renata Mello

Psicóloga. Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

End.: R. Gastão Bahiana, 575/404, Lagoa. Rio de Janeiro, RJ. CEP: 22071-030.

E-mail: renatamello@gmail.com

Regina Herzog

Psicanalista. Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

End.: R. Frei Leandro, 32/602, Lagoa. Rio de Janeiro, RJ. CEP: 22470-210.

E-mail: rherzog@globocom

Resumo

Na atualidade, nos deparamos com a difusão dos chamados pacientes difíceis na clínica psicanalítica. Estes pacientes se mostram resistentes à técnica dita clássica da psicanálise, remetendo à necessidade de se debruçar sobre sua dinâmica psíquica, com vistas a um entendimento maior do que está em jogo nestes casos. Verifica-se que o processo de subjetivação reporta para uma vivência traumática precoce que incide sobre a relação do indivíduo com o que lhe é externo. Por conta do transbordamento de intensidades provocado pelo trauma, medidas de proteção elementares são mobilizadas visando evitar um colapso narcísico. A defesa passa a ser a via privilegiada pela qual o psiquismo se

constitui, o que se traduz em um significativo empobrecimento da vida subjetiva. Para tentar compreender esta dinâmica e propor uma direção ao tratamento psíquico, vamos recorrer às idéias de Michael Balint sobre as relações objetais primárias, visto que seu pensamento oferece elementos importantes para uma renovação do entendimento, tanto da prática analítica, quanto da própria dinâmica psíquica em jogo nos dias de hoje. Com respeito às idéias de Balint, vamos nos deter em sua teoria do amor primário e na questão das modalidades de vínculo defensivas – ocnofilia e filobatismo – face ao desamor dos objetos primordiais, idéias que podem fornecer subsídios para lidar com estes pacientes ditos difíceis.

Palavras-chave: subjetividade, relações objetais, falha básica, defesa, Michael Balint.

Abstract

Currently we can observe the diffusion of the so-called tough patients in psychoanalytic clinic. These patients have proven resistant to the classic psychoanalysis technique, leading to the necessity of relying on their psychic dynamics, aiming at a broader understanding of what is at stake in these cases. It can be observed that the subjectivation process relates to a precocious traumatic experience that touches the relation of the individual with what is external to him. Because of the overwhelming intensity provoked by the trauma, elementary protection measures are mobilized in order to prevent a narcissistic collapse. The defense then becomes the preferred way through which psychism constitutes itself, which translates into a meaningful impoverishment of subjective life. In an attempt to understand this dynamic and propose a direction for the psychic treatment, we will resort to Michael Balint's ideas about primary object relations, as his thinking offers important elements for a renewal of the understanding of both the analytical practice and the very psychic dynamic we currently see. In regards to Balint's ideas, we will hold on to his primary love theory and to the question of the modalities of defensive links – ocnophilia and philobatism – given the lack of loving of the primordial objects, ideas that can provide subsidies to deal with these tough patients.

Keywords: subjectivity, object relations, basic fault, defense, Michael Balint.

Introdução

Um dos maiores desafios enfrentados pela clínica psicanalítica na atualidade consiste na difusão dos chamados **pacientes difíceis**. Se na época de Freud costuma-se considerar que tais pacientes eram raros, hoje parece haver consenso quanto a um aumento significativo de seu número. O termo difícil diz respeito à própria condução do processo analítico, ou seja, designa uma análise que **não anda**, exigindo um remanejamento dos dispositivos terapêuticos. Diante da resistência desses pacientes à técnica dita clássica da psicanálise, investiga-se acerca da constituição da subjetividade em questão, tema que vem fomentando discussões acerca das relações objetais primárias.

Observa-se no cotidiano clínico que esses pacientes sofrem pela impossibilidade de serem eles mesmos, o que se expressa por sensações de estranheza, inadequação, inutilidade e não-existência. Do ponto de vista dinâmico, essa configuração remete para uma vivência traumática precoce que incide justamente na base dos processos de subjetivação. Por conta do transbordamento de intensidades provocado pelo trauma, medidas de proteção elementares são mobilizadas visando evitar um colapso narcísico. A defesa passa a ser a via privilegiada pela qual o psiquismo se constitui, o que se traduz em um significativo empobrecimento da vida subjetiva. Como desdobramento, verifica-se, ainda, uma dificuldade em ser afetado pelo que se produz no encontro alteritário, parecendo justificar a inacessibilidade das intervenções analíticas com os referidos pacientes. Atribulado com estratégias de sobrevivência psíquica, o indivíduo se fecha para a experimentação mundana. Sem a experiência do outro, a experiência de si esvazia-se.

Buscando abrir novos caminhos para a compreensão clínica do funcionamento psíquico em destaque nesses pacientes, propomos tomar as idéias de Michael Balint por acreditar que seu pensamento oferece elementos importantes para uma renovação do entendimento da prática analítica nos dias de hoje. Herdeiro da tradição ferenciana, Balint se dedica ao tratamento dos pacientes difíceis, diante dos quais apresenta uma postura instigante e inventiva. Na tentativa de açambarcar traumas originários de falhas na relação entre o indivíduo e o outro, o psicanalista húngaro se

volta para a emergência dos processos subjetivos. Especialmente atento às condições segundo as quais os primeiros vínculos com os objetos se estabelecem, Balint elabora uma teoria do amor primário. Uma das suas formulações mais originais consiste justo nas modalidades de vínculo defensivas - ocnofilia e filobatismo - face ao desamor dos objetos primordiais. No presente artigo, examinaremos a concepção balintiana acerca das particularidades das vinculações primitivas, uma vez que essas se encontram frequentemente presentes nas sintomatologias contemporâneas.

Amor primário

Na gramática balintiana o amor corresponde à relação de objeto. Para Balint, o indivíduo nasce imerso numa intensa relação com o entorno, descrita a partir da teoria do amor primário (Balint, 1937/1965a). Nessa perspectiva, a subjetividade é produto da interação do indivíduo com o meio. Designar a relação objetal arcaica em termos de amor primário não significa negligenciar a existência do ódio nos estágios iniciais, considerado como fenômeno secundário, originário da separação abrupta do bebê para com os objetos primordiais. No princípio, trata-se de uma relação de interdependência amorosa entre o recém-nascido e o entorno, na maior parte das vezes encarnado na figura materna. Interdependência significa que tanto o bebê depende da mãe quanto a mãe depende do bebê e, nessa medida mesma, cada um satisfaz a si próprio por meio do outro, sem, contudo, obrigação de retribuição. Nas palavras de Balint: “o que é bom para um é agradável para o outro¹” (1937/1965a, p. 85). A idéia aqui é a de um relacionamento mutuamente satisfatório e, nesse sentido, se supõe uma coincidência entre os desejos do bebê e da mãe. Para sermos precisos, em virtude da imaturidade e extrema dependência do bebê em relação aos cuidados primários, são os interesses dos objetos cuidadores que precisam ser adaptados aos interesses do indivíduo ao nascer. Vale salientar que essa adaptação se realiza de forma prazerosa por esses objetos. Inicialmente, portanto, existe uma relação des-simétrica e desmedida de amor, uma vez que o recém-nascido requer satisfação incondicional das suas necessidades. Tal exigência de amor pode ser acompanhada na descrição detalhada de Balint (1968/1993):

Preciso ser amado e cuidado em tudo por todos e só no que me interessa, sem que ninguém possa exigir qualquer esforço ou compensação por isso. O que importa são apenas meus próprios desejos, interesses e necessidades; ninguém que seja importante para mim pode ter quaisquer interesses, desejos e necessidades diferentes dos meus e, se tiver, precisa subordiná-los aos meus, sem nenhum ressentimento ou solicitação; na verdade, seu prazer e alegria devem estar de acordo com os meus desejos (p. 64).

Desse modo, o amor de objeto primário, isto é, os primeiros vínculos afetivos do indivíduo com os objetos primordiais correspondem ao desejo de ser amado sem restrições; desejo que advém da dependência do bebê humano de outrem para se constituir e sobreviver. Pode-se situar como correlata dessa dependência outra característica essencial do amor primário, a saber, a “tendência a agarrar-se” (Balint, 1937/1965a, p. 83), tendência a se aproximar de objetos para se sentir em segurança. Uma série de relações de objeto se desenvolve com base nessa tendência, no sentido de uma busca por proximidade. Algumas ações humanas, corriqueiras, inclusive, podem ser a ela referidas, como por exemplo, o impulso do recém-nascido de prender os dedos aos objetos que lhe são chegados, o aperto de mãos ou o simples toque físico entre os adultos. Tais ações correspondem a símbolos da segurança materna, para tanto, o indivíduo precisa experimentar o agarramento inicial, o que equivale a sentir-se amado na tenra infância. Vejamos como Balint desdobra a emergência da relação de amor com a alteridade.

O amor primário caracteriza-se, por um lado, pelo desejo passivo do bebê de ser amado e, por outro, pela resposta amorosa dos seus cuidadores. Trata-se de uma utilização egoísta dos objetos de amor por parte do recém-nascido, nas palavras de Alice Balint de um “egoísmo ingênuo” (1939/1965b, p. 95), tendo em vista que um antagonismo ou diferença entre o interesse próprio e o interesse do objeto sequer se coloca para ele. A ação e o afeto do outro não são reconhecidos em sua diferença e externalidade, tampouco, há uma apropriação por parte do bebê dos seus im-

pulsos e demandas. Nesse sentido, não se deve depreender do amor primário uma experiência de onipotência, pois não há aqui a necessidade de esforço ou poder, mas uma relação de sintonia (Balint, 1968/1993). Nessas condições, a alteridade apresenta-se como uma referência constante, dada como certa. Sem dúvida, tamanha identidade de interesses sustenta-se pela conformação do entorno às necessidades do recém-nascido.

Na perspectiva balintiana, o bebê e os seus objetos de amor formam uma “mescla harmoniosa interpenetrante” (Balint, 1968/1993, p.60), o que significa que o indivíduo ao nascer encontra-se imerso num mundo de mistura, no qual os limites entre o eu e o não-eu se apresentam de forma indefinida. No tocante à mistura primordial, não se pode dizer que exista uma unidade homogênea entre a mãe e o bebê, mas sim uma modulação afetiva entre eles. Balint utiliza a relação do organismo com o ar que respira como exemplo para entender a qualidade dessa relação arcaica do bebê com o seu entorno. Sabemos que o ar respirado se distingue do indivíduo que o respira. Certamente, o ser humano utiliza o ar em qualidade e quantidade suficientes para a sua existência e, de fato, não pode viver sem ele. Enquanto o ar existir, simplesmente não o considera como um objeto, isto é, como algo separado dele. A situação muda de forma abrupta se o suprimento de ar sofrer alguma interrupção, de modo que a diferença entre os dois só aparece quando o indivíduo é privado de ar. O mesmo ocorre em relação à interação ativa e intensa entre o bebê e a mãe. Ela só torna-se um objeto separado quando falha na sua adaptação a ele. Sendo assim, os objetos diferenciados emergem a partir da descontinuidade, oposição e resistência do entorno.

No mundo de mistura não existem ainda objetos separados nem fronteiras delimitadas, apenas substâncias ou expansões ilimitadas com as quais o indivíduo interage. Convém sublinhar que a noção de substância descreve justamente partes do mundo sem contornos nítidos e diferenciados, em contraposição aos objetos, que se referem às partes do mundo com limites claros, resistentes e passíveis de representação (Balint, 1959). De início, os laços com os objetos, denominados de **substâncias primárias**, se inscrevem no âmbito da mistura. A mãe, os odores, o ritmo, a temperatura, os sons formam uma mescla na qual o bebê circunda e com a qual

se relaciona. Não existe, portanto, uma relação com a alteridade propriamente dita, mas uma “*unio mystica*” com o objeto (Balint, 1968/1993, p. 67), pensada em termos de uma acomodação mútua entre a mãe e o bebê. O conceito balintiano de substância primária permite postular a presença imediata do outro nos primórdios, sem, contudo, desconsiderar a incapacidade do recém-nascido de representá-lo. O que está em questão aqui é o modo de presença do objeto, isto é, a sua apreensão sensorial, expressa no mundo nebuloso e indistinto do amor primário. Assim, a ênfase recai nos aspectos qualitativos da experiência primária do indivíduo com o seu entorno.

Em termos balintianos, tal experiência de mistura produz uma sensação pacífica e tranqüila de bem-estar. Para o autor, daí emerge a intenção de todos os esforços humanos, a saber, “estabelecer – ou provavelmente restabelecer, – uma harmonia evolvente com o entorno, para poder amar em paz” (Balint, 1968/1993, p. 59). Amar em paz refere-se ao desejo de ser amado incondicionalmente pelo objeto sem a obrigação de retribuição do amor recebido, tal como no princípio. Dessa perspectiva, se busca nas relações amorosas a sensação de bem-estar outra experimentada. Sendo assim, os primeiros encontros objetais permanecem como parâmetro para as relações de objeto posteriores. Por este viés, o objeto primário é perdido no curso do desenvolvimento, mas a sensação de bem-estar reconquistada posteriormente. A título de ilustração, seguindo a proposta de Souza (2002), pode-se pensar as drogas – líquidas e gasosas – enquanto substâncias primárias que se misturam fusionalmente com o sujeito. O que está em jogo nesse uso é a necessidade de desfrutar o referido estado de bem-estar através de um modo arcaico de ligação com o suposto objeto, em virtude de uma possível separação objetal traumática. Nesse sentido, as drogas se apresentam como vias de diluição da exigência e solidez dos objetos diferenciados, verdadeiros empecilhos à sensação de harmonia e incondicionalidade almejada.

Vale destacar aqui a qualidade pacificadora que portam os primeiros objetos de amor, prévia ao reconhecimento objetivo do mundo. Por esse viés, se depreende uma experiência de acolhimento, segurança, bem-estar e harmonia com a alteridade,

vivenciada pela presença amorosa e responsiva do objeto. Sua presença se faz sentir tanto pela compreensão e gratificação das necessidades do indivíduo ao nascer, como pelo gradiente afetivo envolvido nesses cuidados, e, nesse sentido, pela satisfação amorosa da dependência. Ora, basta simplesmente que as pessoas importantes dos primeiros tempos da existência estejam ali, isto é, com interesse no conforto do indivíduo, sem importunos ou exigências, respeitando o ritmo do seu desenvolvimento.

O ponto importante a ser destacado diz respeito à dimensão do encontro entre o indivíduo e o objeto-substância. Nem pouca presença, nem presença demais. Nem longe demais, nem muito perto. Vislumbra-se, aí, a construção de uma crença confiante e não suspeitosa em relação ao objeto, uma espécie de expectativa de reencontro com o objeto da mistura vida afora (Figueiredo, 2007). Desse modo, o outro passa a ser buscado enquanto fonte de bem-estar. Inaugura-se assim a relação com o objeto propriamente dito.

Amor adulto

O amor adulto equivale à passagem do amor de objeto passivo, característico do amor primário, para o amor objetal ativo e corresponde à descoberta da externalidade do mundo. Com efeito, os objetos emergem gradativamente do emaranhado de substâncias, emergência patrocínada pelo amor primário. Com o passar do tempo, o objetivo da mãe deixa de ser a satisfação das demandas do filho de maneira irrestrita e a preservação exclusiva da harmonia, de modo que ela começa a buscar outras fontes de satisfação e a se interessar novamente pelo mundo. Paralelamente a isso, ocorre o desenvolvimento emocional da criança para lidar com as inevitáveis falhas maternas, como também uma ampliação e complexificação das suas necessidades.

Desse contexto, surge uma experiência de desarmonia entre o indivíduo e o entorno, a partir da qual se inaugura o encontro com a alteridade. Aqui as fronteiras entre o eu e o não-eu são desenhadas com maior nitidez. Nesse sentido, a oferta de amor se personifica, de modo que os interesses e sentimentos do outro – agora diferenciado – passam a ser considerados, evidenciando a

existência de condições para ser amado. Inicia-se, assim, o processo de abandono da passividade amorosa com a introdução de um sentido de realidade, ou seja, a exigência de amor incondicional cede lugar a uma relação de reciprocidade amorosa.

Por esse viés, os laços afetivos são tecidos com a alteridade no propósito de recuperar a experiência de mistura harmoniosa com o entorno e, nessa medida, o indivíduo se dirige para o objeto na tentativa de restabelecer uma relação de correspondência outrora experimentada, referência de segurança narcísica. Nas palavras de Balint: “a finalidade última de todo impulso libidinal é, pois, a preservação ou restauração da harmonia original” (1968/1993, p. 67). O amor se converte num “trabalho de conquista” (Balint, 1947/1965c, p.115), isto é, uma adaptação mútua entre os amantes, no sentido de se satisfazer ao mesmo tempo em que satisfaz ao outro. Nessas ocasiões, o objeto deve se transformar num parceiro cooperativo, o que supõe uma doação por parte do sujeito, tendo em vista que tal parceiro precisa ser induzido a sentir prazer em satisfazê-lo. Trata-se, portanto, de um acordo de cooperação entre os indivíduos a fim de sintonizarem suas demandas de satisfação, inclusive, a satisfação sexual.

De fato, o amor adulto significa esforço, privação e troca em contraposição à gratificação automática e incondicional do amor primário. A formulação de Balint nos aponta para um processo de educação e invenção de novos caminhos para reconquistar a experiência de êxtase amoroso. Tal processo implica tanto a aceitação do outro como uma subjetividade irreduzível, com preferências e desgostos peculiares, quanto a administração de uma dose de descontentamento em relação às expectativas objetais. O grau do auto-sacrifício e investimento objetal se encontra intrinsecamente relacionado ao que se demanda do outro; assim, o indivíduo ama e gratifica o seu parceiro na própria medida em que espera ser amado e gratificado por ele de volta. Ainda que ter como objetivo a sua própria satisfação remeta para uma natureza egoísta ou completamente narcísica do amor, a imprescindibilidade do outro para tal realização não é desconsiderada. A título de ilustração, nos parece interessante pensar nos poemas e músicas românticas, na galanteria e no cortejo², como estratégias para alcançar uma liga-

ção emocional com o outro de caráter fusional, uma espécie de protocolo da experiência de amor.

Como vimos, o estabelecimento de uma relação harmoniosa exige uma identidade de interesses e demandas e, nesse sentido, o amor pressupõe uma experiência mútua de bem-estar. Trata-se, portanto, de um arranjo conjunto a ser alcançado e não, necessariamente, de um embate amoroso entre indivíduo e objeto. Ambos estão sob a rubrica do desejo de ser amado, ambos aspiram ao mesmo modo de satisfação. Aqui o outro é tratado como um parceiro igual, submetido ao mesmo **trabalho de conquista**. Assim sendo, o amor primário, âmbito das primeiras interações com as substâncias primárias, situa-se como a base das vinculações de objeto posteriores. Em outras palavras, o que se busca nas relações objetais está intimamente imbricado com o que se experiencia nos primeiros encontros com a alteridade.

A passagem para o mundo dos objetos não se dá sem desarmonia entre o eu e o não-eu, o que implica em falhas no atendimento das necessidades do indivíduo. Tais falhas, no entanto, precisam ser dosadas, isto é, a discrepância entre a demanda e a oferta de amor não deve ultrapassar um limite suportável pelo recém-nascido. Caso contrário, as conseqüências são catastróficas e as cicatrizes profundas. Em decorrência, determinados processos defensivos são engendrados, comprometendo a possibilidade de vínculos autênticos e efetivos com a alteridade. Vejamos como Balint aborda a dimensão traumática primitiva e suas implicações na forma do indivíduo se portar no mundo.

A falha básica

Balint propõe o termo **falha** a partir da sua experiência clínica com pacientes difíceis e severamente regredidos. Em tais circunstâncias, muitos desses pacientes se referem a uma falha dentro de si que precisa ser corrigida. Trata-se de uma sensação de falha, deficiência ou defeito e não de um conflito intrapsíquico. Há ainda um sentimento de descuido ou abandono ocasionado por uma experiência de desproteção precoce dos objetos primordiais. Em termos clínicos, os pacientes apresentam uma “mistura de sofrimento profundo, falta de menor vontade de luta e uma ina-

balável determinação de avançar” (Balint, 1968/1993, p. 16-17), além de intensas sensações de vazio, inutilidade e morte. Como corolário, se demanda angustiadamente do analista a probabilidade de não falhar.

Falha é uma terminologia utilizada de modo semelhante pela geologia e cristalografia para descrever uma “súbita irregularidade na estrutura total, uma irregularidade que, em circunstâncias normais, estaria escondida, mas se houver pressões ou forças, pode levar a uma ruptura” (Balint, 1968/1993, p.19). Tal ruptura é capaz de alterar profundamente essa estrutura, tal como ocorre com o indivíduo. O adjetivo **básica**, por sua vez, implica não só numa anterioridade em relação ao complexo de Édipo, como também diz respeito à ampla extensão de seus efeitos na subjetividade, envolvendo em diferentes graduações e arranjos tanto o psíquico quanto o somático.

A origem da falha básica encontra-se no descompasso entre as exigências amorosas do indivíduo e a doação de amor por parte dos objetos primordiais no período da constituição psíquica. Tal discrepância se justifica em função da ausência de adaptação às necessidades singulares e primárias do recém-nascido por parte dos objetos cuidadores. É interessante observar, sobretudo clinicamente, que as formas da falha básica são experimentadas pelos indivíduos: seja através de um sentimento de que o entorno intencionalmente lhe negligencia cuidados, o que produz uma posição subjetiva de suspeita em relação aos objetos; seja pela sensação de culpa por não conquistar a atenção do entorno e, nesse sentido, responsabilizam-se pela falha dos objetos primordiais, o que suscita desconfiança em relação às próprias potencialidades. Em ambos trata-se de uma vivência de inadequação, no que se refere ao ambiente ou em relação a si próprio. Por conseguinte, tais experiências viabilizam diferentes modalidades de relação com o objeto, como investigaremos adiante. De qualquer maneira, as infiltrações da falha básica na subjetividade portam uma angústia avassaladora e um apelo desesperado por um preenchimento da deficiência, uma espécie de pedido de cicatrização. Passemos agora ao exame da falha básica, nos valendo dos ensinamentos acerca do amor primário³.

Nos tempos da infância, a falta de ajustamento entre o eu e o não-eu implica em ressonâncias na própria conformação da subjetividade. Vimos que na concepção balintiana existe, desde o princípio, uma relação de reciprocidade entre o indivíduo e o meio, de modo que qualquer alteração ou insuficiência desse meio desencadeia reações por parte do indivíduo. Sob essa ótica, o não atendimento das necessidades primitivas ou a ausência de gratificação, tal qual a carência de suprimento de ar, suscita sentimentos de ódio e frustração. Tais sentimentos são derivados diretos da privação de amor, isto é, respostas do indivíduo à recusa de amor das pessoas importantes para o seu existir. Nessa perspectiva, o ódio reporta à imaturidade subjetiva do indivíduo, traduzindo de forma dolorosa a dependência amorosa de outrem para sobreviver. Assim, o ódio é a medida da desigualdade entre o indivíduo e o outro e, quanto mais recursos simbólicos o indivíduo dispor, menos ele precisa odiar (Balint, 1951/1965d). Em contrapartida, quanto mais precoce for o desatendimento às suas demandas, maior a infiltração do ódio nos processos subjetivos. Nesse sentido, o ódio advém da constatação do desamor dos objetos dos quais se é dependente.

Nesse contexto, se o amor primário não se realiza, ou seja, se o cuidado primordial falha em demasia, o indivíduo é tomado por um “medo de ser largado”, nos termos utilizados por Alice Balint (apud Balint, 1935/1965e, p. 49). É interessante pensar, seguindo as formulações de Balint, na origem do medo de ser largado atrelado à tendência a agarrar-se, característica do amor arcaico, posto que a busca por laços de proximidade, em variações múltiplas, é claro, possibilita uma experiência de proteção. Com efeito, quando os primeiros vínculos com os objetos primordiais se interrompem bruscamente, também se rompem as ligações com o mundo, instaurando um estado de violenta insegurança subjetiva. Como resultado da falta de correspondência alteritária se pode pensar numa desconfiança em relação não só ao mundo dos objetos, como também no tocante à sua própria capacidade de contenção, posto o imperativo de se refazer por sua própria conta do desespero e da angústia vivenciados. Delineia-se assim, uma dupla impossibilidade: contar com os objetos e decepcionar-se com os mesmos.

Em virtude de demandas de amor não correspondidas, torna-se necessário criar outros modos de satisfação e apaziguamento, o que se faz mediante saídas narcísicas. Na concepção balintiana, a satisfação auto-erótica só se apresenta como forma de obter bem-estar, a partir do momento em que o eu não consegue obter gratificação no mundo dos objetos. A idéia é a de que se o indivíduo não é amado o suficiente pelo mundo, deve amar e gratificar a si próprio (Balint, 1935/1965e). Sob essa ótica, Balint afirma que todo narcisismo é secundário ao investimento objetal original, ou seja, encontra-se subsequente à relação de objeto arcaica⁴. Nesse contexto, ao receber muito pouco do entorno, o investimento libidinal, que anteriormente fluía do isso para os objetos, torna-se essencialmente narcísico. O narcisismo, portanto, corresponde a “uma reação psíquica secundária que só existe quando o outro se furta ao pedido que lhe é feito” (Costa, 1998, p.113), uma espécie de simulação da doação que não existiu.

Dessa perspectiva, a gratificação narcísica apresenta-se como resposta diante das dificuldades com o outro, cujo objetivo consiste em recuperar a unidade dos primeiros estágios da mistura. Trata-se, portanto, de um artifício para obter amor, contudo, tal artifício porta certo limite. Por certo, o amor a si próprio não basta, tornando necessário o amor do outro. Levando em consideração que a segurança narcísica do indivíduo está em jogo, pode-se entrever a necessidade de criar estratégias para recuperá-la. Nessas condições, o indivíduo se dirige aos objetos, tendo como pano de fundo os seus primeiros encontros amorosos. Isso implica pensar que a receptividade ao outro depende do modo como se experimenta o amor primário. Nesse sentido, quando os vínculos afetivos com os objetos primordiais se interrompem precoce e duradouramente, modos de funcionamento subjetivos são engendrados em resposta e na proporção do impacto traumático, em termos balintianos, da falha básica.

Ocnofilia e filobatismo

Ao longo de sua obra, Balint descreve três modalidades de relações com os objetos, a saber, o amor primário, examinado acima, que corresponde ao desejo de ser amado incondicionalmente pelo outro; a ocnofilia, modo em que a presença do objeto

é excessivamente requisitada; e o filobatismo, forma em que os objetos são constantemente afastados. O termo ocnofilia é derivado do grego *okneo* e significa agarrar-se ou segurar-se com força. A denominação filobatismo é proposta em função da imagem do acrobata, que faz referência a quem anda na ponta dos dedos, longe da terra firme (Balint, 1959). Trata-se de posições subjetivas extremadas frente ao mundo, que se mesclam e se confundem durante a existência do indivíduo⁵, posições cujas funções consistem em minimizar o perigo decorrente do encontro com o objeto e recuperar o estado de mistura harmoniosa.

O mundo da ocnofilia se estrutura pelo toque e pela proximidade. O ocnofílico busca segurança aproximando-se dos objetos, ao passo que os espaços vazios entre os objetos são experimentados como arriscados e perigosos. Sendo assim, qualquer ameaça de perda do objeto gera uma angústia avassaladora, posto que sem ele, o indivíduo sente-se perdido e indefeso. A idéia é a de que o sujeito precisa se agarrar desesperadamente ao outro, como garantia de proteção, tal qual a criança se segura na sua mãe quando pequena. Como decorrência, instaura-se uma dependência e supervalorização das relações objetais em detrimento do desenvolvimento das potencialidades individuais para lidar com as vicissitudes do mundo. Nessas condições, o objeto ocnofílico assume um suporte vital para o indivíduo, símbolo do amor e segurança materna. Aqui “a demanda pelo objeto é absoluta” (Balint, 1959, p. 33).

O mundo do filobatismo se caracteriza pela distância e pela visão. O filobata busca segurança distanciando-se dos objetos, pois essa ligação é experimentada como imprevisível e suspeita. Desse modo, o indivíduo sente-se seguro apenas nas expansões sem objetos, longe de qualquer amparo, razão pela qual, evita-os ao máximo. A idéia é a de que o sujeito não precisa de nenhum objeto, que são, por sua vez, considerados como invasivos e incertos. Por conseguinte, há um superinvestimento nas próprias habilidades subjetivas para lidar com os riscos, cujo intuito consiste em manter-se somente com seus próprios recursos, dispensando o auxílio externo. Nessas condições, o sujeito assume uma “postura heróica” (Balint, 1959, p. 28) diante de si mesmo.

Dessa ótica, sustenta-se que tais modalidades de relação com a alteridade exprimem modos de satisfação obtidos com a experiência de segurança, o que não significa, necessariamente, amor. De fato, o objetivo é sentir-se seguro diante da assustadora fragilidade narcísica: o ocnofílico busca segurança se agarrando aos objetos, enquanto o filobata, mantendo os objetos à distância. Em outros termos, o mundo do ocnofílico se constrói na ilusão de que os objetos estão sempre disponíveis quando solicitados, Tamanha confiança e aderência aos objetos, porém, encontra-se fadada à decepção. Ora, o objeto não se presta a reivindicação absoluta da sua presença, pelo simples fato de que ele é outro, com desejos que lhe são peculiares, ou seja, o objeto vem e vai quando bem entende. No filobatismo a frustração ocorre justamente pelo inverso, isto é, em função do apreço pela independência e autonomia em relação aos objetos. O filobata edifica um mundo com base na ilusão de que pode se valer só, daí desenvolve uma confiança irrestrita na eficácia de seus atributos, contudo, não suporta estabelecer vínculos contínuos e autênticos com a alteridade. Com efeito, “nem o filobata, nem o ocnofílico sabem ou podem justificar a confiança que têm em seus respectivos meios de experimentar a satisfação da segurança” (Salém e Costa, 2003, p. 39).

De acordo com Balint (1959), tais ilusões se originam de equívocos no teste de realidade. Cabe ressaltar que não se trata de postular uma interpretação correta da realidade, tendo em vista a singularidade da apreensão em questão, mas de marcar que o indivíduo se apropria do mundo em função de suas experiências primitivas. Como descrevemos anteriormente, o indivíduo e a substância primária encontram-se originariamente envolvidos numa mistura. A distinção entre mundo interno e mundo externo equivale à introdução do teste de realidade, o que se faz processualmente. Inicialmente, se distingue acerca da origem e natureza de uma sensação, isto é, se ela vem de fora ou de dentro; em seguida, se interpreta o que é percebido; por último, busca-se uma reação apropriada para a sensação percebida. Ocnofílicos e filobatas são capazes de diferenciar a realidade externa da realidade interna, porém, a compreensão da realidade mostra-se falha para ambos (Balint, 1959). Enquanto o filobata minimiza os perigos do entorno com uma confiança cega em seus predicados, o ocnofi-

lico nega tais perigos, confiando integralmente na proteção dos objetos. Dessa ótica, se constroem a ilusão da proximidade e do distanciamento das pessoas como estratégias de segurança. Apesar da aparente diferença, torna-se relevante explicitar a ambivalência presente nos dois tipos de relação objetal, o que termina por mesclá-los. “Na verdade, o ocnofílico é tão pouco sincero para consigo mesmo quanto o filobata” (Peixoto Jr, 2004, p.241).

Com efeito, existem modalidades de ambivalência características da ocnofilia e do filobatismo. Os objetos ocnofílicos, inevitavelmente, são tão amados quando unidos por adesão ao indivíduo, quanto odiados pelo que encerram de divergência e frustração. Com os filobatas, o desprendimento dos objetos convive com a dependência dos seus “equipamentos”, representação simbólica da segurança materna nas mãos. Em ambas as formas defensivas estão presentes “amor e ódio, confiança e desconfiança ao mesmo tempo” (Balint, 1959, p.54). Pela suposta confiança, filobatas e ocnofílicos buscam restabelecer uma relação de harmonia com o ambiente, condição de possibilidade de abertura ao amor e à diversão. Em última instância, trata-se aqui de uma necessidade de confiar a qualquer preço – nos objetos ou em si mesmo – como medida de prevenção ante um colapso psíquico. Convém insistir que a desconfiança é defensiva e reporta a não correspondência entre o eu e o não-eu e uma desproporção em relação ao que se demanda e se recebe do mundo.

Desapontado com a realidade a sua volta, o indivíduo inventa outra – ocnofílica e filobática – a fim de evitar a reedição do encontro com objetos não confiáveis. Entretanto, apesar de tais posições subjetivas extremadas, a insegurança não cede, inclusive, pelo fato de que qualquer vivência decepcionante, natural da vida, produz uma experiência de extrema desproteção, incrementando a suspeita em relação ao mundo. A idéia é a de que se o indivíduo experimenta precocemente uma falha na relação alteritária, temerá qualquer desilusão que remonte a essa experiência. O temor se justifica em função do restrito repertório de respostas ante o desmoronamento psíquico, levando-se em conta a maturação em questão. Nessas condições, os processos subjetivos passam a ser engendrados pela impossibilidade de lidar com o desencontro objetal, efeito traumático por excelência, o que caracteriza um

funcionamento extremamente defensivo. Tal impossibilidade se expressa na dificuldade em estabelecer vinculações objetais efetivas. Com isso, a subjetividade se desvitaliza.

Certamente, não há como prescindir do amor da alteridade. Desse modo, a transformação dos objetos em parceiros – ato eminentemente criativo para Balint – se apresenta como única alternativa possível para uma vida com sentido. Para tanto, porém, onofílicos e filobatas precisam experimentar novas modalidades de relação objetal, mobilizando a sua subjetividade outrora paralisada e confinada. O intuito é restaurar a confiabilidade do mundo dos objetos, condição de abertura para o outro. Na esteira dessas idéias, desponta a crença balintiana acerca da potencialidade humana de constantemente recomeçar, através da desobstrução dos caminhos fixados pela insegurança e pela invenção de outras nuances de encontro com a alteridade.

Novo começo: a aposta clínica de Balint

Movida por preocupações clínicas, a produção teórica de Balint traz em si inspirações para a prática psicanalítica. Crédulo no “poder cicatrizante da relação” (Balint, 1968/1993, p.147), o psicanalista húngaro se ocupa, especialmente, da dimensão qualitativa do campo transferencial. Tal qualidade engendra uma atmosfera na relação analítica, como na díade mãe-bebê, composta tanto pela linguagem como pelo modo de presença do analista. Aqui estão em jogo as suas respostas frente ao sofrimento psíquico do paciente, o que abarca a intensidade e o tom da sua voz, seus gestos e expressões faciais, a gestão do tempo e do ritmo das sessões e, ainda, a maneira como as palavras são usadas ou caladas por ele. A questão é que somente em condições seguras o indivíduo pode se despir das suas armaduras defensivas e experimentar, na transferência, outras formas de relação de objeto.

A ampliação deste repertório de possíveis corresponde ao pensamento balintiano acerca do “novo começo” (1968/1993, p.152). Trata-se da construção de uma outra disposição para ser e estar no mundo, o que implica na criação de novos caminhos e sentidos para a existência. Para Balint, o surgimento de um reco-

meço pressupõe um movimento regressivo em direção aos modos de vinculação objetal mais primitivos durante o processo analítico. Dessa perspectiva, apenas quando o paciente regride aos velhos hábitos e costumes de relação com o objeto, pode desprender-se da imobilidade e coerção dos mesmos. A proposta terapêutica é justamente voltar ao princípio do desenvolvimento psíquico em reação à falha básica, para daí, ajudar o paciente a ter um novo começo. A regressão, portanto, se apresenta como a condição de possibilidade da progressão subjetiva. O conceito de regressão é fundamental para a compreensão das particularidades da clínica balintiana com pacientes difíceis. Os fenômenos regressivos equivalem a formas primitivas de comportamento e interação com o objeto, mesmo depois de terem sido estabelecidos padrões considerados adultos e maduros. Ao experimentar sentimentos de amor e ódio primários, o paciente perfaz a sua história subjetiva, transformando a relação com o outro. Vale salientar o luto e a tristeza advindos da experiência de confronto com a falha básica, a despeito da possibilidade de preenchimento e cicatrização com o **novo começo**.

Preocupado em se aproximar da “criança dentro do paciente” (Balint, 1968/1993, p. 82), Balint indica a necessidade de instituir uma comunicação numa linguagem apropriada. Nesses casos, mais do que interpretações reveladoras e sofisticadas se trata de compreender e aceitar o paciente sem reservas. Isso implica na instauração de uma atmosfera de confiança entre o par analítico, capaz de minimizar os perigos e suspeitas do entorno. De acordo com Balint (1968/1993), “a finalidade é que o paciente possa se tornar capaz de encontrar-se, aceitar-se e continuar por si mesmo” (p.165). Considerar a regressão em análise com o propósito de auto-reconhecimento e não como fonte de gratificação requer um entendimento acerca da subjetividade e defesa em questão na falha básica. Caso contrário, se pode interromper ou mesmo inibir o processo regressivo com interferências apressadas, apesar de corretas. Com base nesses pressupostos, as falhas existentes na relação entre o paciente e o analista são justificadas pelo uso de uma linguagem adulta e convencional no lugar de uma linguagem infantil e terna⁶. Sendo assim, a regressão depende não só do paciente, mas do modo como o analista responde a ela. Daí se

afirma que a regressão não é apenas um processo intrapsíquico, mas uma experiência intersubjetiva, na qual o analista encontra-se intimamente envolvido (Peixoto Jr, 2002).

O trabalho psicanalítico para sustentar a regressão se faz pelo oferecimento de uma presença asseguradora e genuinamente disponível. A idéia é propiciar uma qualidade de relação analítica que não pôde ser experimentada pelo paciente nos seus primeiros encontros alteritários. A concessão de tempo e espaço, indispensáveis aos processos subjetivos, torna-se imperativo. Tais processos não precisam ser acelerados, mas sim acompanhados ativamente pelo psicanalista. Isso exige uma sintonia afetiva entre o par analítico, tal como requerida nos vínculos do amor primário. Nesse sentido, a função do analista deve se assemelhar a das substâncias primárias, conforme propõe Balint (1968/1993):

A substância, o analista, não deve resistir, deve consentir, não deve dar origem a muito atrito, deve aceitar e transportar o paciente durante um certo tempo, deve provar ser ou menos indestrutível, não deve insistir em manter limites nítidos, permitindo o desenvolvimento de uma espécie de mistura entre o paciente e ele próprio (p. 134).

Uma vez que os processos defensivos primitivos emergem a partir da dissonância entre o eu e o não-eu, o analista precisa estar sensível às necessidades e interesses do paciente a fim de evitar a reedição dos desencontros traumáticos. Não se trata aqui de compensar as privações dos tempos da infância, nem, tampouco, satisfazer todos os anseios e desejos do paciente, sem dúvida, inviável e improdutivo; mas de respeitar o ritmo da sua subjetivação. Desse modo, uma experiência de abertura, afetação e entrelaçamento entre o eu e o outro desponta na própria medida da liberação das amarras defensivas e da entrega mais confiante aos cuidados analíticos.

Notas

1. As traduções das citações são de nossa inteira responsabilidade.
2. Trata-se de fenômenos culturalmente opcionais e não

- obrigatórios. Para um estudo detalhado sobre o amor romântico, ver Costa, J. F. (1998).
3. Convém explicitar que o caráter traumático da desarmonia entre indivíduo e objeto não é tão acentuado nas primeiras formulações de Balint que datam de 1937, ganhando maior relevo com a temática da falha básica em 1968. Seguindo Balint, podemos dizer que “o nível mais precoce é o do amor primário e com ele o nível da falha básica” (1968/1993, p. 26).
 4. Para um estudo minucioso a respeito das divergências e aproximações entre o narcisismo primário em Freud e o narcisismo secundário em Balint, ver Peixoto Jr., C. A. (2003).
 5. Balint aborda a ocnofilia e o filobatismo como modos de funcionamento subjetivos extremamente patológicos face às dificuldades primitivas com o entorno, contudo, nos parece interessante pensar que tais funcionamentos podem estar presentes de forma não exclusiva no psiquismo, ou seja, como modalidades defensivas diante das falhas inerentes às relações alteritárias.
 6. Tal falha expressa justamente a confusão de línguas existente tanto entre a criança e o adulto quanto entre o paciente e o analista. Trata-se aqui de uma marcada referência a Ferenczi. Para um estudo aprofundado a respeito, ver Ferenczi, S. (1933/1992).

Referências

- Balint, M. (1959). *Thrills and regressions*. New York: International Universities Press.
- Balint, M. (1965a). Early developmental states of the ego: Primary object-love. In *Primary love and psycho-analytic technique* (pp. 74-90). London: Tavistok. (Originalmente publicado em 1937).
- Balint, A. (1965b). Love for the mother and mother love. In M. Balint, *Primary love and psycho-analytic technique* (pp. 91-108). London: Tavistok. (Originalmente publicado em 1939).
- Balint, M. (1965c). On genital love: Primary object-love. In *Primary love and psycho-analytic technique* (pp. 109-120). London:

- Tavistok. (Originalmente publicado em 1947).
- Balint, M. (1965d). On love and hate. In *Primary love and psycho-analytic technique* (pp. 121-135). London: Tavistok. (Originalmente publicado em 1951).
- Balint, M. (1965e). Critical notes on the theory of the pregenital organizations of the libido. In *Primary love and psycho-analytic technique* (pp.37-58). London: Tavistok. (Originalmente publicado em 1935).
- Balint, M. (1965f). Eros and Aphrodite. In *Primary love and psycho-analytic technique* (pp. 59-73). London: Tavistok. (Originalmente publicado em 1936).
- Balint, M. (1993). *A falha básica: Aspectos terapêuticos da regressão*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas. (Originalmente publicado em 1968).
- Costa, J. (1998). *Sem fraude, nem favor: Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Ferenczi, S. (1933). Confusão de línguas entre adultos e crianças. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV* (pp. 97-106). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1992).
- Figueiredo, L. C. (2007). Confiança: A experiência de confiar na clínica psicanalítica e no plano da cultura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41 (3), 69-87.
- Montes, F. F., & Herzog, R. (2005). A relação do sujeito com o tempo na atualidade. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 18, 49-59.
- Peixoto, C. A., Jr. (2002). Sobre a regressão e novo começo: Balint e a técnica psicanalítica. *Percurso*, (29), 92-102.
- Peixoto, C. A., Jr. (2003). Do narcisismo ao amor primário: Balint e a gênese dos processos de subjetivação. *Revista Psychê*, 6 (11), 13-28.
- Peixoto, C. A., Jr. (2004). As relações primárias no contexto da falha básica. *Natureza Humana*, 6 (2), 235-254.
- Salém, P., & Costa, J. (2003). Sobre a confiança em Balint. *Revista de Psicanálise Textura* 3, 37- 41.

Souza, O. (2002). Aspectos clínicos e metapsicológicos do uso de drogas. In C. A. Plastino (Org.), *Transgressões* (pp.93-102). Rio de Janeiro: Contra Capa.

Recebido em 23 de junho de 2008

Aceito em 16 de outubro de 2008

Revisado em 27 de outubro de 2008